

“PEDRA, PAPEL E TESOURA”

1. Porquê fazer esta peça? Como quase sempre, por vários acasos. E quando os acasos se multiplicam e encadeiam, como neste caso, de “*Pedra, Papel e Tesoura*”, revelam alguma coisa mais. Caluda!

Isto dito, trata-se, neste teatro, da visão de uma vida por meios sóbrios, sem palavras a mais, com preferência pela palavra a menos, de melancolia aguda, causada pela nossa civilização, pela incomunicação entre os entes queridos, quiçá pela procura do *último futuro*. Fragmentos. Sim, as existências fragmentadas como o próprio mini-drama – e todavia, ainda nada de trágico; tudo aparentemente como ao de leve, tudo a ficar entre nós, habituados a sermos social e culturalmente ofendidos. Uma nostalgia, uma curta suspensão do tempo, da qual nasce a emoção.

2. A segunda razão para produzir a peça foi a nossa curiosidade. O texto teatral vem da Austrália, de jovem autor, autêntico, e como parece, mal-amado na Austrália (terra aparentemente feliz), porém, apreciado fora. Uma situação que honra o autor. O artista, onde está, incomoda, porque ajuda a ver com olhos de ver. De resto, não conhecemos em Portugal a dramaturgia daquele continente, além das interessantes séries televisivas que Deus tem; mas talvez não esteja tão longe de nós essa maior ilha do mundo. Pelo menos, durante cerca de dez semanas de ensaios, (com essa magnífica equipa, que também aconteceu por acaso, mais um... acaso) vivemos nessa terra outra, terra de ninguém, e de alguém, trazida da Austrália. “Um só poema basta para atingir a terra” – Jorge de Sena.

3. Tentámos preparar um teatro íntimo, à beira de todos e de cada um, num espaço feito de ilhas cenográficas e humanas, talvez uma novidade. Utilizamos uma linguagem que deseja comunicar por todos os meios: pelas palavras, pelos silêncios, pelos gestos, pelos som e pela luz; pelo afecto. Fazer o teatro de hoje, é também e por acréscimo, organizar novas imaginações: novas imaginações cénicas e interhumanas.

Abril de 2007

Jorge Listopad